

SILVEIRA, Nise da

* médica.

Nasceu em Maceió, em 15 de fevereiro de 1905. Fez sua formação básica em um colégio de freiras, o Colégio Santíssimo Sacramento, em sua cidade natal. De 1921 a 1926 cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formou como a única mulher entre os 157 homens desta turma, com especialidade em Psiquiatria. Apresentou como monografia de final de curso “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil”, pesquisa realizada em uma prisão de Salvador com mulheres infratoras (ladras, assassinas e prostitutas).

Retornou a Maceió por um breve período, e em 1927 decidiu vir para o Rio de Janeiro, já casada com seu conterrâneo e colega de turma, o médico sanitarista Mário Magalhães, com quem viveria até o falecimento dele, em 1986. Na então capital federal, engajou-se nos meios artísticos e literários, frequentando assiduamente os círculos marxistas junto com o marido. Escrevia sobre medicina para o jornal *A Manhã*, e esses artigos eram reproduzidos no *Jornal de Alagoas*, do qual seu pai era diretor. Em 1932 estagiou na clínica neurológica de Antônio Austregésilo, e no ano seguinte ingressou no serviço público através de concurso, vindo a trabalhar no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, na Praia Vermelha, que integrava à Divisão de Saúde Mental.

Militante da Aliança Nacional Libertadora (ANL), entidade ligada ao Partido Comunista do Brasil (PCB), foi denunciada por uma enfermeira pela posse de livros marxistas após a Revolta Comunista de novembro de 1935. A acusação lhe valeu a detenção, em 1936, no presídio da Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Também se encontrava preso nesse presídio o escritor Graciliano Ramos e assim ela tornou-se uma das personagens de seu livro *Memórias do Cárcere*.

Ao sair da Frei Caneca 18 meses depois, permaneceu com o marido na semiclandestinidade. Durante seu afastamento do serviço público por razões políticas, fez uma profunda leitura reflexiva das obras de Spinoza, material que seria publicado muitos anos depois, em seu livro *Cartas a Spinoza*, em 1995. Reintegrada ao serviço público em 1944, nesse mesmo ano iniciou seu trabalho no Hospital Pedro II, antigo Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, onde retomou sua luta contra as técnicas psiquiátricas que considerava agressivas aos pacientes. Por discordar dos métodos adotados nas enfermarias, recusando-se a aplicar eletrochoques em pacientes, foi transferida para o setor de terapia ocupacional. Assim em 1946 fundou

nesta instituição a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), contando com o apoio do diretor do Centro, o médico Paulo Elejalle. No lugar das tradicionais tarefas de limpeza e manutenção que os pacientes exerciam sob o título de terapia ocupacional, criou ateliês de pintura e modelagem com a intenção de possibilitar aos doentes reatar seus vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade, revolucionando a psiquiatria então praticada no país. Nise dirigiria o STOR desde a sua fundação, em 1946, até sua aposentadoria compulsória em 1974. Em 1954 o STOR foi regulamentado através de uma ordem de serviço, e oficializado em 1961.

Outra iniciativa revolucionária de Nise da Silveira, tomada também no âmbito do Centro Psiquiátrico foi a fundação, em 1952, do Museu de Imagens do Inconsciente, um centro de estudos e pesquisas destinado à preservação dos trabalhos produzidos nos ateliês de pintura e modelagem. O museu tornou-se conhecido em todo o mundo e suas pesquisas abriram novas possibilidades para uma compreensão do interior do esquizofrênico, dando origem a exposições, filmes, documentários, simpósios, conferências e cursos. Esse valioso acervo alimentou a escrita de seu livro *Imagens do inconsciente*, publicado em 1981, filmes e exposições. Entre 1983 e 1985 o cineasta Leon Hirszman realizou o filme “Imagens do inconsciente”, trilogia mostrando obras realizadas pelos internos a partir de um roteiro criado por Nise da Silveira.

Um terceiro projeto extremamente inovador de sua autoria foi a instalação, em 1956, da Casa das Palmeiras, clínica voltada à reabilitação de antigos pacientes de instituições psiquiátricas. Neste local eles poderiam expressar sua criatividade, sendo tratados como pacientes externos numa etapa intermediária entre a rotina hospitalar e sua reintegração à vida em sociedade. Ao perceber que a responsabilidade de cuidar de um animal e o desenvolvimento de laços afetivos poderiam contribuir para a reabilitação de doentes mentais, os incorporou a seu trabalho como co-terapeutas. Foi uma pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais, que costumava chamar de co-terapeutas. Ela expôs parte desse processo no livro *Gatos, a emoção de lidar*, que publicaria em 1998.

Outra frente de extrema importância aberta por Nise da Silveira foi a introdução e a divulgação no Brasil da corrente psicanalítica do suíço Carl Jung. Interessada em seu estudo sobre os mandalas, tema recorrente nas pinturas de seus pacientes, escreveu a Jung em 1954, iniciando uma proveitosa troca de correspondência. Jung estimulou-a a organizar uma mostra das obras de seus pacientes. A exposição, que recebeu o nome “Esquizofrenia em Imagens”, ocupou cinco salas e teve lugar durante o II Congresso

Internacional de Psiquiatria, realizado em 1957, em Zurique. O próprio Jung inaugurou a exposição, na presença da Nise que fora para a Suíça com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

A mostra teve uma enorme repercussão e foi o reconhecimento mundial das ideias e do trabalho de Nise da Silveira. Em 1959, participou da fundação da Sociedade Internacional de Psicopatologia da Expressão, sediada em Paris, dirigida por Robert Volmat. A finalidade da instituição era estabelecer e manter relações entre os diversos especialistas interessados nas conexões da expressão, da criação e da arte com as pesquisas psiquiátricas, sociológicas, psicológicas e psicanalíticas que então se desenvolviam no mundo.

Nise completou sua supervisão em psicanálise junguiana cursos no Instituto Carl Gustav Jung, com Marie Louise von Franz, a assistente de Jung, em dois períodos – 1957-1958 e 1961-1962 – viajando para Zurique algumas vezes e também mediante troca de cartas. Retornando ao Brasil após seu primeiro período de supervisão, constituiu, em sua residência, o Grupo de Estudos Carl Jung, que presidiu até 1968. Nesse mesmo ano lançou o livro *Jung: vida e obra*.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1999.

Seu trabalho e ideias inspiraram a criação em diversos estados do Brasil e no exterior de museus, centros culturais e instituições terapêuticas similares aos que havia criado.

Ainda em 1999, o Hospital Pedro II foi transferido da esfera federal para a municipal, passando então a denominar-se Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, atual Instituto Municipal Nise da Silveira.

A seu respeito, foi escrita a biografia ilustrada *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*, de Luiz Carlos Mello (2014).

Fontes: CÂMARA, Fernando Portela. *Vida e obra de Nise da Silveira*. In:
<http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php>

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=206%3Anise-da-silveira-&catid=61%3Aletra-n&Itemid=1

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100005

OBS. Como Dra. Nise Magalhães da Silveira

12/12/1956 Bolsa US\$225 por mês